O FUNCIONAMENTO DO SIGNO NO USO DA LINGUAGEM

Aluna: Cristiane Dall' Cortivo (PUCRS/CNPq)[1]

Orientadora: Leci Borges Barbisan (PUCRS)

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a leitura e discussão de elementos da teoria de alguns lingüistas, como Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Oswald Ducrot, a respeito do funcionamento do signo lingüístico no uso da linguagem.

Inicialmente, será feita uma discussão de aspectos da teoria de Ferdinand de Saussure, em que serão abordadas, além do princípio da arbitrariedade, da noção de valor e do signo lingüístico, duas das dicotomias mais importantes apresentadas em sua obra, língua/fala e relações sintagmáticas/relações associativas. Já na Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, os aspectos que servirão de subsídio para este trabalho serão os níveis de análise lingüística; a subjetividade na linguagem; a forma e o sentido na linguagem; a natureza dos pronomes; e, finalmente, o aparelho formal da enunciação. Em Oswald Ducrot, a Teoria da Argumentação na Língua – que parte do princípio de que a linguagem é essencialmente argumentativa – e seus fundamentos, como a noção de relação e a de língua e fala, serão de fundamental importância para este trabalho.

Dessa forma, a partir das teorias expostas acima, aponta-se como objetivo realizar uma discussão a respeito do conceito de signo lingüístico que, inicialmente introduzido por Saussure, foi sendo modificado e reinterpretado ao longo de todos estes anos por diversos lingüistas.

Segundo Benveniste, a língua dispõe de formas vazias que somente adquirem sentido no uso, no momento da enunciação: essas formas são as categorias de pessoa, tempo e espaço – *eu, tu, aqui, agora*. Os outros signos, pertencentes à não-pessoa, ao *ele*, estão na língua associados a um conceito, ou seja, são palavras plenas. Partindo dessas afirmações de Benveniste, a discussão que aqui é proposta tem como ponto de partida duas hipóteses: a primeira delas irá observar que os signos denominados plenos por Benveniste na verdade apresentam, no que Saussure chama de *significado*, um espaço vazio que se completa no uso, ou seja, na relação que esse signo estabelece com outros signos, resultando daí um outro sentido. A segunda hipótese é a de que, levando em consideração especialmente o que Ducrot chama de "modificadores", existem signos que se tornam plenos em determinados contextos,

[1] Aluna do Mestrado em Lingüística Aplicada da PUCRS. Bolsista CNPq. E-mail: crisdallcortivo@yahoo.com.br

nos quais a relação com esses “modificadores” não cria um novo sentido, apenas aumenta a força argumentativa desses signos.

A verificação das hipóteses será feita através da discussão das teorias e da análise de textos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste trabalho seguirá a ordem cronológica em que as teorias escolhidas foram publicadas. Isso se deve ao fato de que, primeiramente, o Estruturalismo Saussuriano inaugurou uma nova época nos Estudos Lingüísticos, servindo de base para outras teorias que surgiram posteriormente. Dentre estas, as que interessam para este estudo são a Teoria da Enunciação, de Benveniste, que se baseia em alguns princípios estruturalistas, e a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Ducrot, que além de trazer princípios estruturalistas, é também uma teoria enunciativa.

1.1 O Estruturalismo Saussuriano

Publicado em 1916, três anos após a morte de Saussure, o Curso de Lingüística Geral[2] é uma obra póstuma, organizada com base em anotações feitas por seus alunos. Este livro tornou-se um marco nos estudos lingüísticos do século XX por introduzir o Estruturalismo na lingüística e por reunir de forma coerente em uma única teoria aspectos antes descritos por outros lingüistas[3]. Estes aspectos de que falo são as dicotomias presentes na obra, como língua/fala, relações sintagmáticas/relações paradigmáticas, sincronia/diacronia, entre outras. Neste trabalho serão fundamentais as relações sintagmáticas/paradigmáticas, língua/fala, a definição de signo lingüístico e a noção de valor.

A primeira dicotomia apresentada no CLG é a de *langue/parole.* A partir da definição de língua e de fala, Saussure delimitou qual seria seu objeto de estudo. Não se pode esquecer que o autor tinha como objetivo fundar uma ciência, dar a ela um objeto de estudo e desenvolver um método. Saussure diz em sua obra que “não é o objeto que precede o ponto de vista, mas o ponto de vista cria o objeto” (1995:15). Por isso, ao escolher a língua como seu objeto de estudo, deixando de lado aspectos como a fala, ele dá um entorno à sua teoria que exclui o indivíduo, ficando com um objeto *puro*, livre da influência externa.

---

[2] Para este trabalho foi usada a versão traduzida para o português. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral.* 20ª edição. Cultrix: São Paulo, 1995

[3] FISCHER-JORGENSEN, Eli. *Trends in phonological theory: a historical introduction.* Akademisk Forlag, Copenhagen: 1975.

Inicialmente, então, Saussure define a língua e a fala e justifica porque privilegiou a língua em seu trabalho. Para ele, a língua não se confunde com a linguagem, é apenas parte desta. Se a linguagem possui um lado social e um lado individual, a língua está situada no lado social da linguagem. Dessa forma, diz que a língua é um produto social, um conjunto de convenções adotadas pela sociedade para o exercício da faculdade da linguagem. Partindo desse princípio, de que a língua é um conjunto de convenções, o autor afirma, ainda, que todos os indivíduos unidos por uma mesma língua produzirão os mesmos signos ligados aos mesmos conceitos, concluindo, dessa forma, que constitui-se algo homogêneo.

A mais clássica definição do lingüista para a língua é a de que

> trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema que existe virtualmente em cada cérebro, ou mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, é só na massa que ela existe de modo completo. (idem, 21)

Já a fala, para Saussure, está no plano individual da linguagem, trata-se de algo acessório e mais ou menos acidental. Pelo fato de ser individual acaba tornando-se heterogêneo, pois além de depender da situação de fala, também irá variar de um sujeito para outro. Ela não é essencialmente do domínio lingüístico, apesar de depender da língua para ser realizada, no entanto, para ser estudada, devem ser levadas em conta disciplinas como a psicologia, a sociologia, o estudo do som, entre outras. O autor admite uma interdependência entre a língua e a fala, pois esta necessita daquela para ser realizada, no entanto, é através da fala que a língua se estabelece.

A partir dessas considerações, Saussure justifica por que escolheu fazer uma lingüística da língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo (idem, 27), em detrimento da fala. É importante observar que o autor em momento algum diz que a fala não tem condições de ser estudada, porém, pelo fato de ser heterogênea, não poderia constituir objeto de estudo da lingüística.

Vendo a língua como um sistema de signos que se relacionam entre si *in praesentia*, através das relações sintagmáticas, e *in absentia*, por meio das relações paradigmáticas, resta ainda a tarefa de falar um pouco sobre essas relações, sobre o signo lingüístico e suas propriedades – a arbitrariedade, a noção de valor e o caráter linear do significante.

Antes de tratar das relações, considera-se pertinente falar sobre a *natureza do signo lingüístico.* O lingüista define o signo como uma “entidade psíquica de duas faces: o

significante e o significado, sendo que essas duas faces são indissociáveis, uma reclama a outra" (idem, 80). Saussure faz uma comparação entre a língua e uma folha de papel: "o pensamento é o anverso e o som o verso, não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro" (idem, 131). Essa metáfora pode ser usada para falar do signo lingüístico, que, como uma folha de papel, também tem duas faces impossíveis de serem dissociadas. Sendo a língua um sistema de signos que se relacionam, e o signo um elemento psíquico, o autor traz mais dois aspectos: a arbitrariedade e o valor. Saussure diz em sua obra que o signo não é representativo do mundo, que ele prescinde desse para se explicar, e que não há nenhuma relação entre a realidade e o significado. Da mesma forma, ele diz que o laço que une o significante ao significado é completamente arbitrário, não há uma razão externa à língua que obrigue esta união, ou seja, "o significante é imotivado, arbitrário em relação ao significado" (idem, 83).Cabe ressaltar que, embora essa união seja arbitrária, o falante não pode ficar à vontade para atribuir ao significado o significante que desejar. Isso pode ser justificado se observado o princípio de que a língua é uma serie de convenções adotadas por uma comunidade.

Um outro princípio descrito por Saussure referente ao signo lingüístico é a noção de valor. Essa noção está alicerçada sobre a oposição, ou seja, o valor do signo se define pela diferença e pela oposição que esse estabelece com os demais; um signo é o que os outros não são. O valor pode ser percebido nitidamente na sua relação com os demais, "assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia" (idem, 135).

Já que a noção de valor está ligada à de relação, serão abordadas as relações sintagmáticas e paradigmáticas. As primeiras (relações sintagmáticas) caracterizam-se pela linearidade e estão *in praesentia*. Essas relações são características do uso da língua, são intralingüísticas, um signo se reúne com outros signos em uma cadeia chamada sintagma. O outro tipo de relações que existe são as relações paradigmáticas, em que os signos estão virtualmente associados através de características que lhes são comuns; haverá tantos grupos de signos quantas características puderem ser associadas.

Apesar de ter sido publicado no início do século passado, a teoria estruturalista Saussuriana ainda serve de fundamento para vários lingüistas, o que prova que seus conceitos, embora ampliados ou revistos, servem de base para que outras teorias possam ser criadas. É como será visto na próxima seção, que tratará da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste.

1.2 A Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste

A Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, filiada ao Estruturalismo Saussuriano, tomará alguns de seus conceitos, dando-lhes uma nova roupagem sem, no entanto, fazer com que percam a essência. Abordará o signo lingüístico, língua e fala, as relações, e ainda introduzirá novos aspectos.

Benveniste, através de uma série de artigos, coloca os principais componentes que fornecerão subsídio para a construção da sua teoria. A idéia que norteia o trabalho do autor, e que percorre todos os seus artigos é, sem duvida, a união que propõe entre língua e fala, passando a chamar a fala de *discurso*. Essa é uma das mais importantes construções do autor. Saussure já havia tocado neste aspecto, como visto anteriormente, no entanto, Benveniste torna essa união inerente ao próprio sistema.

O autor, inicialmente, fala da forma e do sentido da linguagem, e dos níveis de análise lingüística. Nesse ponto, procura estabelecer o domínio da língua e o domínio de seu uso. Para ele, a língua, bem como para Saussure, é um sistema de signos que convivem e relacionam-se, ao mesmo tempo delimitam-se por meio dessa convivência e da relação de oposição (BENVENSTE, 1989)[4]. Dessa forma, ainda trata a língua como sistema de signos, colocando-os em relação paradigmática, no âmbito da substituição. Assim, a língua situa-se no domínio da forma, é virtualidade, os signos são apenas possibilidades de uso. Para ele, o signo "funda a realidade da língua (...), com ele tem-se a realidade intrínseca da língua" (1989:230). No entanto, "é no uso da língua que o signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe" (idem, 227). Ainda sobre o signo, acrescenta que, como a visão de Saussure, o signo não é representativo do mundo, que "possui um valor genérico e conceptual" (idem, 229).

Ao abordar o uso da língua, Benveniste passa a falar do emprego do signo lingüístico, sendo que esse emprego lhe dá o status de *palavra.* Para ele, a forma é o que predomina até o nível da frase; a partir da frase o uso da língua por um locutor passa a chamar-se *discurso*. Para Benveniste, as palavras, os fonemas, os traços distintivos são enumeráveis, no entanto, as possibilidades de discurso jamais poderão ser previstas e contadas. Ao entrar no domínio do discurso, o autor introduz uma série de conceitos: toca na questão dos pronomes, institui o sujeito, a referência e a subjetividade.

Seguindo os passos do autor, desenvolve-se neste trabalho a articulação entre língua e fala. Ao tratar do *signo lingüístico* no *uso*, ou seja, a *palavra*, Benveniste aponta questões muito importantes e acaba por não desenvolvê-las profundamente, como, por exemplo, o

---

[4] BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*, v2. Campinas (SP): Pontes, 1989.

sentido da palavra em relação ao discurso em que está inserida. Para ele, o uso da linguagem está no nível do sentido, caracteriza-se pelas relações sintagmáticas, pelo agenciamento de palavras e pela ação que exercem umas sobre as outras. Assim, o autor diz que "a mensagem é definida, delimitada, organizada por meio das palavras; e o sentido das palavras se determina em relação ao conceito de situação" (idem, 232).

Esse agenciamento de palavras, na sintagmatização, construirá uma idéia que não corresponde a nenhuma palavra especificamente, mas ao conjunto dessas relações, em que cada palavra retém uma pequena parte de seu valor enquanto signo (idem, 234). Ao falar da frase como o agenciamento de palavras, que juntas constituem uma idéia, o autor diz que o sentido da frase é a situação que a provoca, sendo essa impossível de ser prevista. Dessa forma, cada frase constitui um evento único e irrepetível, a frase é proferida e se apaga nesse mesmo instante.

Como visto através desta pequena introdução à teoria, essencialmente o que diz respeito à *palavra*, que tem seu sentido conforme o seu emprego pode ser notado que Benveniste percebe a diferença entre o sentido no sistema e no uso, um sentido que vai da generalização para a particularização, da virtualidade para a realização. Como é de conhecimento de todos que estudam essa teoria, não há a intenção do autor em desenvolver esses aspectos, uma vez que seu objeto é falar do processo da Enunciação.

Ainda relacionado à língua e seu uso, Benveniste questiona a classificação tradicional feita aos pronomes. A partir disso, instaura as categorias de *pessoa* e *não-pessoa*. A categoria de pessoa é constituída pelo *eu/tu*, e a de não-pessoa, pelo *ele.*

> "As formas denominadas tradicionalmente 'pronomes pessoais', aparecem agora como uma classe de 'indivíduos lingüísticos', de formas que enviam sempre e somente a 'indivíduos', quer se trate de pessoas, de momentos, de lugares, por oposição aos termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos" (1989:85).

Além da categoria de *pessoa* e *não-pessoa*, o autor cria outras duas, a de *tempo* e a de *espaço*, que são constituídas pelo *aqui* e *agora*, respectivamente, e suas referências – *ontem, amanhã, lá*, entre outras, que remetem a momentos e lugares. A esses elementos o autor chama *signos vazios*; ao *ele, signos plenos.* Os *signos vazios* estão presentes no sistema e, contrariamente ao que Saussure definiu como signo, uma entidade composta por duas faces – o significante e o significado -, Benveniste afirma que essas categorias estão presentes no sistema apenas dotadas de significante, assumindo o significado apenas no uso.

Ao propor como *pessoa* apenas *eu* e *tu*, Benveniste justifica que "*eu* significa a pessoa que enuncia a presente instância do discurso que contém *eu*" (2005:278)[5] (grifos do autor), e ao se enunciar como *eu*, o locutor automaticamente implanta o *tu* diante de si como indivíduo alocutado. Esses papéis – *eu/tu* – são reversíveis, representam uma polaridade, no momento em que o *tu* toma a palavra e se enuncia como *eu*, aquele que era *eu* automaticamente transforma-se em *tu*. Essas formas vazias permitem que cada locutor possa enunciar-se a qualquer momento, remetendo unicamente ao seu discurso. "Esse signo está, pois, ligado ao *exercício* da linguagem e declara o locutor como tal. É essa propriedade que fundamenta o discurso individual, em que cada locutor assume por sua conta a linguagem inteira" (2005:281) (grifo do autor).

Ao enunciar-se com *eu*, o locutor passará a ser o centro de referência da enunciação. Ser centro de referência significa que as categorias de tempo e espaço irão definir-se de acordo com o *eu*. O tempo da enunciação – *agora* – é sempre o momento presente. O momento presente sempre coincidirá com o momento da enunciação e a partir dela cria-se a noção de tempo – tempo passado, anterior ao momento da enunciação e tempo futuro, posterior ao momento da enunciação. A categoria de tempo – *agora* e seus referentes *ontem*, *há uma semana*, *no ano que vem* – está subordinada à enunciação, pois só se pode dizer o que é passado ou o que é futuro tomando como referência o momento em que se fala. Como esse momento é ao mesmo tempo qualquer momento e todo momento, esses signos também pertencem ao conjunto dos *signos vazios*, pois seu significado somente se preencherá no momento em que passarem do sistema para o uso.

O mesmo pode ser dito do espaço, que também tem como centro de referência *eu*, o lugar em que o *eu* está ao se enunciar. Os signos representativos dessa categoria são o *aqui*, *lá*, entre outros. Assim, unindo essas categorias, o sistema permite que qualquer falante, a qualquer momento e em qualquer lugar mobilize a língua toda, de forma individual, remetendo unicamente ao seu discurso.

Sobre o *ele*, ou seja, a *não-pessoa*, o autor trata como aquilo de que se fala. São todos os demais signos da língua que não estão presos à enunciação para terem sentido. Para Benveniste, o "*ele é o não importa o que e não importa quem*" (2005:282) (grifos do autor). Não constitui pessoa do discurso, pois não se enuncia e não faz parte da reversibilidade de papéis inerente a *eu/tu*. *Ele* é apenas tema da enunciação. O autor trata o *ele* como os signos que, no sistema, estão associados a um conceito genérico.

---

[5] BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística Geral*, v.1. 5ª Edição. Campinas (SP): pontes, 2005.

Como foi visto anteriormente, ao tratar do signo em seu uso, a *palavra*, o autor assume que a *palavra* tem um sentido distinto no uso daquele do sistema, mas que permanece com parte de seu valor enquanto signo. Pode-se dizer que o signo, generalização no sistema, assume uma particularização no uso, de acordo com o contexto em que se insere e com a situação da enunciação. Uma vez que essa é única e irrepetível, pode-se afirmar que o sentido da palavra, mesmo permanecendo com parte de seu valor, vai assumir um sentido que será, em parte, inédito a cada novo uso.

Sendo essa uma das hipóteses deste trabalho, é possível afirmar que o signo no sistema, referente ao *ele*, é uma entidade composta por significante e significado, como já dito por Saussure. No entanto, o significado apresenta uma "parte" vazia, que será preenchida quando usado. Essa "parte" vazia é que permite que os signos sejam encadeados em relações sintagmáticas, é o que permite que sejam combinados para o sujeito enunciar toda a diversidade de sentidos possíveis que, como Benveniste mesmo assumira, os vários sentidos do discurso jamais poderão ser previstos ou fixados. Pensando dessa forma, tendo o significado com uma "parte" vazia que se completará na enunciação, ao formar a cadeia sintagmática, se formará também uma idéia, que não pode ser reduzida a uma ou outra palavra do discurso, mas sim ao seu conjunto.

A partir dessas reflexões, pode-se afirmar que o discurso não constitui uma soma de palavras, mas uma combinação delas. Somente essa combinação é doadora de sentido ao discurso. Aqui mais um ponto é relevante: o sentido no uso é distinto do sentido no sistema; somente essa possibilidade de encadear signos é que permite ao falante dar ao discurso o sentido que desejar. Se não houvesse essa possibilidade e os sujeitos tivessem que usar os signos com uma associação fixa entre um e outro, essa possibilidade de um discurso ser irrepetível não existiria. Da mesma forma, se o signo estivesse associado a um conceito fixo no sistema, a linguagem seria simples e previsível. No entanto, o que temos é algo extremamente complexo, que mesmo depois de tantos anos de estudo, muitas perguntas permanecem sem resposta, talvez jamais sejam respondidas. Como Benveniste brilhantemente afirmou, a linguagem é constitutiva do homem, e não um instrumento criado:

> não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem. (2005:285).

Mussalim e Bentes trazem nas páginas iniciais da obra Introdução à lingüística II[6] outra citação de Benveniste, que complementa essa reflexão e traduz em palavras por que o estudo da linguagem é tão fascinante: "o homem sentiu sempre – e os poetas freqüentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma sociedade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu" (2006:04).

Para finalizar essa pequena explanação da Teoria da Enunciação, resta ainda falar sobre sujeito e subjetividade.

Ao introduzir nos estudos da linguagem o uso do sistema, Benveniste introduziu também o *sujeito* e a *subjetividade*, esse sujeito de que fala Benveniste já foi mencionado anteriormente também como *locutor;* não é a pessoa no mundo, mas um ser da linguagem, que mobiliza a língua através de um ato individual de utilização e se enuncia (1989:82). Ao se enunciar, esse sujeito imprime *marcas* em seu *enunciado*, são as marcas da *subjetividade.* A *subjetividade* é inerente ao *sujeito* que se enuncia, e também ao enunciado, justamente por essas marcas deixadas e pela escolha lexical: "o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala" (1989:84). O sentido construído na e pela enunciação é subjetivo, pois é escolha do sujeito e como já foi visto, esse fato será sempre inédito.

Ao escrever seu artigo *O aparelho formal da Enunciação*, Benveniste reúne vários conceitos desenvolvidos anteriormente e define "a Enunciação em relação à língua como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro" (1989:84).

Partindo dessas considerações, para finalizar, Benveniste apresenta uma teoria que trouxe várias inovações, e que servirá de fundamento para outras que surgiram depois, como a Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot, apresentada na seção seguinte.

1.3 A Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL) nasceu na França em 1983 e vem sendo desenvolvida ao longo desses anos por Oswald Ducrot e colaboradores. Na primeira e segunda fases, o autor teve a colaboração de Jean-Claude Anscombre, e em sua forma atual, a terceira fase, conta com a colaboração de Marion Carel.

---

[6] MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução a lingüística: domínios e fronteiras, V.2. 5ª Edição. São Paulo: Cortez, 2006.*

Como já mencionado em alguns momentos, a TAL encontra seus fundamentos no Estruturalismo e na Enunciação. Filia-se ao Estruturalismo por basear-se nos conceitos saussurianos de língua e fala e relação. Assim como Benveniste, Ducrot toma os conceitos de Saussure e os modela de acordo com o que pretende desenvolver em sua teoria, conservando, no entanto, sua essência. Já sua filiação à Enunciação de Benveniste se dá por considerar que um estudo descritivo da língua jamais poderia ser feito se não fosse através da sua realização. No momento em que Ducrot também adota a perspectiva da união entre língua e fala, filia-se a essa teoria. Da Enunciação também retira alguns conceitos, no entanto, dando um entorno um pouco diferente. Para Ducrot, a Enunciação é um processo, é o surgimento do enunciado, mas não será sobre isso que se debruçará. Para o autor, o que interessa é o enunciado, o produto dessa enunciação.

Primeiramente, é pertinente trazer os conceitos de *língua* e *fala*, que aparecem unidos através do *enunciado*. Para Ducrot (1988)[7], a *língua* é constituída por um número finito de *frases*; essas frases não podem ser observadas, são construtos teóricos, elas apenas se realizam por meio dos enunciados. Já o *enunciado* é a realidade empírica, aquilo que pode ser observado, definido também como a realização da frase. Quando Ducrot diz que as frases são de número finito, ele se refere a frases simples, que não contêm conjunções.

Outra distinção feita pelo teórico é entre *significação* e *sentido*. Para ele, a *significação* está atrelada à frase, é o seu valor semântico, constitui-se de um conjunto de instruções para a interpretação do enunciado. A significação da frase vai depender de seu emprego, por isso a instrução é "busque o sentido no enunciado". O *sentido* não pré-existe ao uso, ele só acontece no uso.

Também retirada da teoria de Saussure, as relações sintagmáticas fundamentam a TAL. Isso porque, para Ducrot, uma palavra isolada não possui um sentido completo, esse sentido só será construído a partir das conclusões que o locutor tirar dela. Se um enunciado é formado por um segmento S^1 e um segmento S^2, o sentido de S^1 somente será determinado pela continuação (S^2) que o locutor der a esse segmento. Dessa forma, o sentido de um segmento se determina pela sua continuação. Aqui, é recuperada a noção de valor, também saussuriana, em que um elemento se definirá pela oposição/relação com os elementos que o rodeiam.

Outro postulado do Estruturalismo é o de que a linguagem não é representativa do mundo, este apenas serve de tema para aquilo de que o locutor irá falar, portanto, não

[7] DUCROT, Oswald. *Polifonía Y argumentación. Cali (Colômbia): Universidad del Valle, 1988.*

interessa se o que se fala do mundo é verdadeiro ou falso, o que importa é o sentido construído por meio da linguagem. Assim, vê-se a TAL como uma teoria que tem o sentido como construído intralinguisticamente, através das relações entre segmentos, formando enunciados, e, num nível mais complexo, entre enunciados, formando discursos.

Um ponto ainda não mencionado, no entanto essencial e que motiva o desenvolvimento da teoria é o de que, para Ducrot, a língua é argumentativa em sua essência. Para ele, na própria palavra há uma argumentação. Esse fato o faz admitir que a língua prescinde do mundo para explicar-se: "o lingüista deve ater-se ao sentido do enunciado, deve descrevê-lo (...). O que interessa é o que está no enunciado e não nas condições externas a sua produção" (1988:17).

Conforme escreve o próprio autor: "o sentido de uma expressão é dado pelos discursos argumentativos que se encadeiam a partir dessa expressão. A argumentação não agrega sentido, constrói sentido." (2005:13)[8].

Ducrot refuta a divisão da linguagem em objetiva, subjetiva e intersubjetiva. Para ele, o aspecto objetivo não existe, pois todas as vezes em que um locutor produz linguagem é através de seu ponto de vista, é a maneira como o locutor vê aquilo de que ele fala e o que pensa da realidade. Se linguagem não serve para descrever o mundo, então elimina-se qualquer possibilidade de objetividade, pois é o mundo segundo os olhos de um sujeito que observa e de um locutor que produz linguagem. A esse aspecto, referente ao locutor, o autor chama *subjetividade*, são as marcas que o locutor deixa em seu enunciado; e à relação locutor/interlocutor, Ducrot chama *intersubjetividade.*

É importante, ainda, distinguir *sujeito empírico, locutor e enunciador* a fim de introduzir a *polifonia.* Para Ducrot (1988), *sujeito empírico* é o ser no mundo, o produtor do enunciado. Já o *locutor* é o responsável pelo enunciado, aquele que assume determinado ponto de vista. Os *enunciadores* são abstratos, são origens de pontos de vista evocados pelo enunciado do locutor, os enunciadores também são argumentadores.

Esses conceitos de locutor e enunciador serão essenciais para a definição de *polifonia*. Ducrot a traz para sua teoria para explicar os diversos pontos de vista que ecoam em um enunciado. Ele diz que "todos os nossos discursos são repetição" (1988: 17) e que a polifonia está presente no próprio sistema, na língua.

Ao produzir um enunciado, o locutor se depara com vários pontos de vista. Pode identificar-se com um, concordar com outro(s) e opor-se a outro(s), o que não impede que em

---

[8] CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa; una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Colihue, 2005.*

um outro momento o locutor possa adotar um ponto de vista antes rejeitado. Isso mostra também que a linguagem é subjetiva e desvinculada da realidade, pois se a linguagem tivesse que tratar os fatos como verdadeiros ou falsos, essa adoção de pontos de vista diferentes em diferentes momentos não seria possível.

Embora a teoria tenha se desenvolvido em três fases, esses conceitos apresentados até agora (exceto o da polifonia, que é introduzido na segunda forma) perpassam todas elas e se mantêm até a forma atual, a Teoria dos Blocos Semânticos, inserida na TAL. Mesmo que muitos conceitos da teoria já tenham sido discutidos até agora, faz-se pertinente uma ligeira explanação sobre as formas que a TAL já teve: a primeira fase, chamada forma Standard, a segunda fase, chamada forma Recente e a terceira e atual, a Teoria dos Blocos Semânticos, TBS.

A forma Standard, a que a teoria possuía no seu lançamento, em 1983, caracterizou-se por introduzir uma visão nova sobre os estudos da linguagem. Ducrot rejeita a concepção tradicional de argumentação da lógica, que se baseava na realidade para tirar de um fato um argumento que levaria a determinada conclusão, e introduz o seu pressuposto de base, que é a de que a argumentação está inscrita na língua, independente dos fatos do mundo. O autor chama *potencial argumentativo* à variedade de conclusões que se pode tirar de determinado argumento, uma vez que este não está atrelado à realidade, pode permitir um conjunto de conclusões diversas.

Essa forma é abandonada ao ser adotada a segunda fase, lançada em 1988, chamada forma Recente. As inovações trazidas nessa nova forma são a polifonia, já comentada acima, e a noção de *topos.* Segundo Barbisan

> "tem-se , na nova proposta, duas condições: a primeira é a de que um argumento deve justificar uma determinada conclusão; a segunda indica que o trajeto do argumento para a conclusão se faz mediante o princípio argumentativo: o topos. Quando se argumenta, é, pois, necessário um elo intermediário entre o argumento e a conclusão. O topos é a garantia dessa passagem. (2002: 141)[9]

A noção de *topos* é abandonada em 1992, quando Marion Carel defende sua tese de doutorado, orientada por Ducrot, e introduz uma nova versão para a teoria: a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Nessa fase há o abandono da noção de *topos*, pois esta ia contra um princípio fundamental da teoria: a de que a língua não está atrelada ao mundo e de que o

[9] BARBISAN, Leci. *A construção da argumentação no texto*. Letras de Hoje. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.37, p. 135-147. Setembro de 2002.

sentido somente está completo no momento em que são articulados dois segmentos. Segundo a noção de *topos*, já haveria um sentido no argumento que permitiria que dele fosse extraída determinada conclusão.

Na TBS, há a definição de que somente o discurso é doador de sentido, ou seja, somente haverá um sentido completo quando agregar ao segmento S^1 um segmento S^2 por meio de um conector; a isso a autora chamou interdependência semântica. Na forma Recente, já havia encadeamentos argumentativos do tipo X CON Y. Esse conector, nessa forma, era apenas em *donc* (DC), que traduzido do francês para o português tem o sentido de *portanto*. Esse conector transforma a linguagem em metalinguagem, uma vez que o conector é um protótipo de outros que possuem um sentido semelhante, como *logo, dessa forma*, entre outros. Na TBS, além de manter os encadeamentos argumentativos em *donc*, Carel introduz outro conector: o *pourtant* (PT), que também é trazido da língua francesa e pode ser traduzido para o português como *no entanto;* esse conector também tem valor prototípico, representando outros com sentido semelhante. Assim, Carel chama os encadeamentos em *donc* de *normativos*, e os encadeamentos em *pourtant*, de *transgressivos.*

O que caracteriza o nome de Bloco Semântico, é que, cada encadeamento argumentativo formado por dois segmentos, há subjacente um sentido único, formando um bloco, sendo que cada bloco possui quatro aspectos.

Em artigo chamado "Os Internalizadores", Ducrot (2002)[10] propõe uma classificação semântica das palavras da língua. Antes de falar dessa classificação, no entanto, é necessário definir dois conceitos: o de argumentação externa (AE) e o de argumentação interna (AI) ao léxico, e argumentação interna ao enunciado. Como já dito anteriormente, o enunciado é a realização da frase. Podem ser analisados enunciados isolados ou enunciados que juntos constituam um texto. Sendo que a AI do enunciado é a sua transformação em um encadeamento do tipo X CON Y.

Exemplo: João tem fome, então vai almoçar.

Ter fome DC almoçar.

A argumentação externa ao léxico é a "pluralidade de aspectos constitutivos da língua e que estão ligados a ela de modo externo" (2002:08) é decorrente do próprio sentido da palavra. Ao fazer a argumentação externa, é necessário usar a própria palavra como um dos segmentos, ligada ao segundo segmento por um conector do tipo *donc* ou *pourtant*. Esse

[10] DUCROT, Oswald. *Os internalizadores*. Letras de Hoje. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.37, p. 135-147. Setembro de 2002.

segundo segmento pode ser qualquer uma de todas as possibilidades argumentativas do primeiro segmento:

Exemplo: AE (perigo) – perigo DC precauções.

Já a argumentação interna é uma espécie de paráfrase da palavra, sem a sua participação no encadeamento.

Exemplo: AI (prudente) – perigo DC precauções

Introduzidas as noções de AI e AE, resta tratar da classificação do léxico, proposta pelo autor. Segundo ele, as palavras da língua se dividem em *palavras plenas*, que são as palavras que possuem AI e AE, são aquelas que têm conteúdo e a característica de evocar discursos, aqueles que pertencem a sua AI e a sua AE (2002:11).

O outro grupo é o de *palavras instrumentais*, ou *gramaticais*. Estas se dividem em *conectores*, que são os protótipos adotados – *donc* e *pourtant*; em *articuladores*, que são elementos que unem e comparam dois encadeamentos; e os *operadores*, que se dividem em *modificadores (realizantes* e *desrealizantes)* e em *internalizadores (normativos* e *transgressivos).*

De todas essas classes, a que interessará será a das *palavras plenas* e, dentre as gramaticais, os *modificadores.* Essas duas classes interessam pois constituem um tipo de relação diferente. Como já visto anteriormente, e é este o pressuposto principal da TAL, a argumentação está na língua, nas relações entre as palavras e nas próprias palavras. As palavras ditas *plenas* são aquelas que possuem um conceito e delas é possível extrair uma AI e uma AE. Ao tratar de Benveniste, foi ressaltado que os signos plenos, no sistema, apresentavam uma espécie de vazio no significante que é preenchido no uso, na relação entre um signo e outro. Na TAL, a noção de relação é um dos conceitos fundamentais, como o próprio Ducrot afirmou, "somente o discurso é doador de sentido" (2002:07). No entanto, na relação das palavras plenas com os modificadores, percebe-se que há, em vez do surgimento de um novo sentido, apenas uma alteração na gradualidade na força argumentativa dessas palavras plenas. Os modificadores realizantes *aumentam* a força argumentativa, e os desrealizantes, *diminuem* essa força. Um exemplo é o de "problema difícil": *problema* já contém em sua AI a idéia de dificuldade, que é reforçada pelo modificador *difícil*. Já em "problema fácil" *problema* tem sua força argumentativa atenuada pelo modificador fácil.

É importante ressaltar que os modificadores não constituem uma classe fixa; o que definirá se a palavra é ou não um modificador é o seu uso. Neste caso, *fácil* e *difícil* podem ser classificados como tal, mas em outros contextos, poderão ser palavras plenas. Por isso, não podemos fixar um sentido antes do uso, como argumenta a definição de significação da

frase pela TAL: um conjunto de instruções para buscar no enunciado o sentido. Já que para a TAL o sentido é intralingüístico, deve-se partir disso para observar os fatos da linguagem.

Essas hipóteses levantadas na fundamentação teórica serão observadas na análise a seguir.

2 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

A observação dos dados, a seguir, será realizada com base na TAL; isso porque a teoria oferece subsídios para que se possa fazer uma análise mais aprofundada da argumentação de um texto, por meio do levantamento dos enunciados e construção, a partir desses, dos encadeamentos argumentativos e através da polifonia é possível explicitar os vários pontos de vista presentes no enunciado. A teoria oferece, também, uma ferramenta muito importante para a explicitação do sentido de uma palavra ou expressão, que é a argumentação interna e externa ao léxico. Por isso, a metodologia usada seguirá os seguintes passos: identificação dos enunciados do texto, transformação desses enunciados em encadeamentos argumentativos e análise do léxico por meio da sua argumentação interna e externa.

Como este trabalho se propôs a analisar dois tipos de empregos do signo lingüístico, são usados textos que apresentam diferentes empregos de uma mesma palavra, para que se possa verificar a construção do sentido nas relações desta palavra com outras, para isso foi escolhido um anúncios publicitários de uma empresa de telefonia, publicado na Revista Isto É[11], e uma carta do leitor publicada na seção Radar, na Revista Veja[12], sendo que ambos apresentam a palavra *conta* em seus discursos. Este será o foco para a análise referente à hipótese primeira, de que todo signo possui um espaço vazio em seu significado, que se completa no uso, nas relações sintagmáticas. Para a segunda hipótese, aquela de que em determinados contextos o signo possui seu sentido pleno, será observada, nesses mesmos textos, a palavra *mesmo*.

Texto 1

Planos em minutos, conta detalhada, ligações grátis. É, seu fixo virou mesmo um Oi.

O Telefone Telemar agora é Oi Fixo. Simples Assim. (IstoÉ, pg. 62 e 63)

Para a análise, toma-se o primeiro enunciado *planos em minutos, conta detalhada, ligações grátis. É, seu fixo virou mesmo um Oi*, que tem como encadeamentos

E1 - planos em minutos DC Oi

E1 - conta detalhada DC Oi

E1 - ligações grátis DC Oi

---

[11] Revista IstoÉ, ano 30, número 1951. 21 de março de 2007, pgs 62 e 63.

[12] Revista Veja, edição 2006, ano 40, número 17. 02 de maio de 2007, pg. 48.

Esses encadeamentos são usados para caracterizar a empresa de telefonia Oi. Desse enunciado, posso retirar os encadeamentos referentes a um segundo enunciador, que constitui uma polifonia:

E2 – fixo DC neg- plano em minutos

E2 – fixo DC neg- conta detalhada

E2 – fixo DC neg ligações grátis

Neste caso, o locutor assume e se identifica com o Enunciador 1, concordando com o Enunciador 2. Para entender por que o locutor escolheu identificar-se com o Enunciador 1 é necessário realizar a AI da palavra *virou*, já que é ela que traz a polifonia para dentro do texto:

AI (virar) ser uma coisa PT transformar-se em outra

A palavra *virou*, no texto, traz consigo o ponto de vista do segundo enunciador. Isso porque, conforme encadeamentos acima, conta detalhada, planos em minutos e ligações grátis são dados como características da empresa Oi; o enunciador 2 vem trazer o outro ponto de vista, de que antes de se tornar um Oi, um telefone fixo não apresentava as características apontadas pelo Enunciador 1

Se o enunciador 2 traz esse segundo ponto de vista, o locutor admite que um telefone fixo ser um Oi é uma transgressão à norma, que pode ser representada pelo encadeamento

Fixo PT Oi

que tem como bloco semântico *trata-se de um telefone fixo, no entanto é um Oi*: *possui conta detalhada, planos em minutos e ligações grátis.*

O segundo enunciado é *o Telefone Telemar agora é Oi Fixo. Simples Assim* pode ser representado pelos encadeamentos

Fixo DC Telefone Telemar

Telefone Telemar DC mudança

Mudança DC Oi Fixo

Telefone Telemar DC Oi fixo

Mudança DC melhoria

Mudança DC Oi

Oi DC facilidade

Para que se possa entender este último encadeamento se faz necessário realizar a AI da palavra *simples*

AI (simples) nenhuma complicação DC facilidade

Assim, a palavra *simples* é fundamental para entender a argumentação feita pelo locutor; este último encadeamento tem como bloco semântico a idéia da *facilidade proporcionada por um Oi.*

Através dessa breve análise, pôde-se explicitar todos os encadeamentos argumentativos que subjazem a esse texto publicitário. Trata-se de algo bastante complexo, pois o anúncio publicitário busca dizer muito, usando poucas palavras, muitas vezes de forma intencionalmente ambígua e metafórica.

Passando para a análise da palavra *conta* e da expressão *conta detalhada* por meio da sua AI e AE:

AE (conta)	conta DC pagamento
AI (conta)	gasto DC pagamento
AE (conta detalhada)	conta detalhada DC clareza
AI (conta detalhada)	gasto especificado DC clareza

Observando essas análises, é evidente que o sentido da palavra *conta* e da expressão *conta detalhada* não é o mesmo. O bloco semântico da palavra conta é *gasto portanto deve ser pago.* Já o sentido da expressão *conta detalhada* é *gasto especificado portanto clareza para o consumidor.* Aqui é possível observar que a combinação das palavras *conta* e *detalhada* apresentam a criação de um novo sentido, que não é o de *conta* nem o de *detalhada*, mas um sentido que decorre apenas da combinação desses dois elementos.

Ainda referente ao enunciado *É, seu fixo virou mesmo um Oi*, é preciso analisar a relação estabelecida entre o modificador *mesmo* e a palavra *virou*. Neste caso, a palavra *mesmo* está atuando sobre a força argumentativa da palavra *virou*, sendo classificada como um modificador realizante. Como já explicitado neste trabalho, a argumentação interna consiste em uma paráfrase de uma palavra ou expressão. Neste caso, a expressão *virou mesmo* produz um sintagma XY. Assim, a argumentação interna de XY deve conter somente as palavras plenas apresentadas na AI e AE de X (virou):

AI (virou)	**ser uma coisa PT transformar-se em outra**
AE (virou)	virar DC transformar-se em outra
AI (virou mesmo)	**ser uma coisa, PT transformar-se em outra**
AE (virou mesmo)	virou mesmo DC transformou-se de fato

O bloco semântico de *virou* é *era uma coisa no entanto agora é outra*, e o bloco semântico de *virou mesmo* é *era uma coisa, no entanto, agora é outra.* Essa igualdade entre o bloco semântico da palavra *virou* e *virou mesmo* deve-se ao fato de que o modificador não acrescentou um novo sentido à palavra *virou.*

Nessa passagem identifica-se a segunda hipótese, de que determinados signos não constituem novo significado ao relacionar-se com os modificadores, apenas tem sua força argumentativa aumentada ou diminuída, logo, são signos plenos.

Texto 2

Tela fria...

Nem o plasma nem o LCD têm dado conta: o primeiro trimestre foi dramático para a venda de televisores. As vendas caíram 20% em comparação ao mesmo trimestre do ano passado – é, ainda, o efeito ressaca da Copa do Mundo. As empresas prevêem que recuperação só em 2008, com a chegada da TV digital. (Veja, pg. 48)

Levantamento dos enunciados e construção dos encadeamentos:

Primeiro enunciado: *nem o plasma nem o LCD têm dado conta: o primeiro trimestre foi dramático para a venda de televisores.*

Encadeamentos:

TV plasma e TV LCD DC produtos de qualidade

Produtos de qualidade DC interesse do consumidor

Produtos de qualidade PT neg interesse do consumidor

Neg interesse do consumidor DC queda nas vendas

O último encadeamento traduz o sentido do enunciado, que é observado no bloco semântico *falta de interesse do consumidor como causa da queda nas vendas.*

O segundo enunciado é *as vendas caíram 20% em comparação ao mesmo trimestre do ano passado – é, ainda, o efeito ressaca da Copa do Mundo.* Dele podem ser retirados os encadeamentos:

Copa do mundo DC assistir aos jogos

Assistir aos jogos DC querer boa qualidade de TV

Boa qualidade de TV DC aumento das vendas

Copa do mundo PT decepção dos consumidores

Decepção dos consumidores DC queda nas vendas

Copa do mundo DC queda nas vendas.

Nesses encadeamentos, é possível perceber que o autor atribui a queda na venda dos televisores à decepção com a copa do mundo do ano passado. Isso é observado ao chegar-se ao último encadeamento

Copa do mundo DC queda nas vendas

que tem como bloco semântico *a queda nas vendas em função da copa do mundo.*

Quanto ao segundo enunciado *as empresas prevêem que recuperação só em 2008, com a chegada da TV digital*, há o levantamento dos seguintes encadeamentos:

2008 DC chegada da TV digital

TV digital DC novidade

Novidade DC aquecimento nas vendas

Aquecimento nas vendas DC recuperação das empresas

TV digital DC recuperação das empresas.

Esse segundo enunciado pode ser representado pelo último encadeamento

TV digital DC recuperação das empresas

que tem como bloco semântico *a recuperação das empresas pela chegada da TV digital.* O levantamento desses enunciados é importante pois, como afirmado na metodologia, busca o sentido do texto construído com base nas relações. Esse sentido é intralingüístico, chega-se a ele observado cada enunciado, e do total de enunciados, chega-se ao sentido global. Neste caso, esse sentido pode ser representado pelos dois encadeamentos:

Desinteresse do consumidor e copa do mundo DC queda nas vendas

TV digital em 2008 DC recuperação.

Levantados os encadeamentos argumentativos para observar a argumentação contida nos enunciados, resta ainda realizar a AI e a AE de *tem dado conta*, que pode ser reduzido a *dar conta*, e da palavra *mesmo.*

AE (conta)	conta DC pagamento
AI (conta)	gasto DC pagamento
AE (dar conta)	dar conta DC atingir meta
AI (dar conta)	vender DC atingir meta

Mais uma vez, é possível perceber que a palavra *conta*, ao ser associada a uma outra na cadeia sintagmática, constitui um novo sentido, diferente daquele outro já citados. O bloco semântico de *dar conta* é *muitas vendas portanto atingir a meta.*

AI (mesmo)	igual DC remete ao mesmo fato
AE (mesmo)	mesmo DC remete ao mesmo fato
AI (trimestre)	tempo DC três meses
AE (trimestre)	trimestre DC três meses
AI (mesmo trimestre)	trimestre atual DC igual trimestre passado

Aqui a relação entre *mesmo* e *trimestre* não é a de modificador e verbo, como no caso anterior, de *virou mesmo. Mesmo*, nesse contexto, possui uma AI e uma AE e junto com trimestre constrói um novo sentido, de forma diferente do exemplo anterior, que não havia o

surgimento de um novo sentido. Assim, é possível observar que a classe dos modificadores não é constituída de palavras fixas, mas o uso é que indicará se trata-se de um modificador ou não.

3 CONCLUSÃO

Essa conclusão tem como fim retomar os objetivos deste trabalho, bem como as hipóteses levantadas e o caminho percorrido para, finalmente, explicitar as conclusões que puderam ser extraídas.

Buscou-se, neste trabalho, uma pequena discussão de aspectos de três teorias: Teoria da Enunciação, Estruturalismo Saussuriano e Teoria da Argumentação na língua, tendo como foco o funcionamento do signo no uso da linguagem. Para isso, foram levantadas duas hipóteses, baseadas em conceitos definidos pelos autores das teorias apresentadas: a primeira hipótese, a partir de um conceito de Benveniste, é a de que os signos denominados plenos por esse autor apresentam, no seu significado, um espaço vazio que se completa no uso. A segunda hipótese, baseada na concepção de modificadores e palavras plenas desenvolvida por Ducrot, é a de que os signos plenos, na relação com esses modificadores, não originam um novo sentido.

As hipóteses puderam ser observadas nas análises realizadas das diversas ocorrências da palavra *conta* sozinha, ou associada a outras palavras. Primeiramente, a expressão *conta detalhada* apresentou um sentido distinto da palavra *conta* sozinha, este sentido foi identificado como *gasto especificado, portanto clareza para o consumidor*. A segunda ocorrência da palavra *conta* em expressões é *dar conta*, cujo sentido é, neste contexto, *vender, portanto atingir meta*. Como visto, o sentido que surge nas diversas relações da palavra *conta* aparece cada vez de forma distinta, podendo-se concluir que de fato, o signo lingüístico assume um sentido particular quando no uso da linguagem, através das relações sintagmáticas. É importante ressaltar que as expressões não têm seu sentido definido apenas pelas palavras que a compõem, é necessário olhar para o texto em que elas estão inseridas para poder daí extrair o sentido, como é o caso de *dar conta*, que neste texto está se referindo à venda de televisores. O contexto em que elas aparecem jamais poderá ser ignorado, uma vez que o texto não é uma soma de frases independentes.

Já com relação aos modificadores, pôde-se perceber na análise da palavra *mesmo*, e desta associada a outras de forma a construir expressões como *virou mesmo* e *mesmo trimestre*, que a classe dos modificadores não é constituída de palavras fixas, mas que o uso demonstrará se trata-se ou não de um modificador. Isso é afirmado com base na análise realizada: em *virou*

mesmo tem-se um modificador realizante, que atua sobre a força argumentativa de *virou*, o que se relaciona com a segunda hipótese levantada, de que não há o surgimento de um novo sentido. A análise de *mesmo trimestre* mostra que a relação entre essas duas palavras não é de modificador e palavra plena, mas sim de duas palavras que geram um novo sentido na sua combinação.

Com relação à Teoria da Argumentação na Língua é possível afirmar que constitui uma excelente ferramenta para a análise dos textos, por buscar o sentido global do texto, através do levantamento de enunciados, dos encadeamentos argumentativos, argumentação interna e externa ao léxico e, especialmente, por explicitar o significado em cada palavra, atendo-se ao sentido construído linguisticamente, por meio das relações estabelecidas entre elas.

Apesar das limitações deste trabalho, é possível concluir, a partir das reflexões e análises, que não se deve lançar um olhar individual às palavras da língua, mas que devem ser sempre tomadas em suas relações. Pôde-se concluir, ainda, que o sentido das palavras no seu uso é distinto daquele no sistema, por isso a necessidade de observar cada emprego de forma única, mas como algo que está à disposição do ser humano para que possa enunciar toda a diversidade de discursos possíveis.

4 BIBLIOGRAFIA

BARBISAN, Leci. *A construção da argumentação no texto*. Letras de Hoje. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.37, p. 135-147. Setembro de 2002.

BENVENISTE, Émile. *Os níveis de análise lingüística.* In BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral,* v. 1. Campinas (SP): Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. *A forma e o sentido na linguagem.* In BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral,* v. 2. Campinas (SP): Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. *Da subjetividade na linguagem.* In BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral,* v. 1. Campinas (SP): Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. *A natureza dos pronomes.* In BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral,* v. 1. Campinas (SP): Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. *O Aparelho Formal da Enunciação.* In BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral,* v. 2. Campinas (SP): Pontes, 1989.

DUCROT, Oswald. *Primera Conferencia.* In DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación.* Cali (Colômbia): Universidad del Valle, 1988

DUCROT, Oswald. *Segunda Conferencia.* In DUCROT, Oswald. *Polifonía y Argumentación.* Cali (Colômbia): Universidad del Valle, 1989.

DUCROT, Oswald. *Polifonía em lingüística.* In DUCROT, Oswald. *Polifonia y Argumentación.* Cali (Colômbia): Universidad del Valle, 1989.

DUCROT, Oswald. *Introducción. Primera Conferencia.* In CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa;* uma introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Colihue, 2005.

DUCROT, Oswald. *Os internalizadores.* Letras de Hoje. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.37, p. 7–26. Setembro de 2002.

FISCHER-JORGENSEN, Eli. *Trends in phonological theory: a historical introduction.* Akademisk Forlag, Copenhagen: 1975.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução a lingüística: domínios e fronteiras, V.2. 5ª Edição. São Paulo: Cortez, 2006.*

Revista Veja, edição 2006, ano 40, número 17. 02 de maio de 2007, pg. 48.

Revista IstoÉ, ano 30, número 1951. 21 de março de 2007, pgs 62 e 63.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral.* 20ª edição. Cultrix: São Paulo, 1995.